

APRESENTAÇÃO

Filosofia das Tecnociências: *com quantas mãos se faz uma plantação?*

Ronei Clécio Mocellin

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
<https://orcid.org/0000-0003-4093-672X>
roneimocellin@ufpr.br

Débora Aymoré

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
<https://orcid.org/0000-0003-1384-6681>
deboraaymore@gmail.com

Se na filosofia e história do corpo os posicionamentos são agrupados entre os que consideram haver substância única (Espinosa) ou dupla (Descartes) que conformam diferentes aspectos dos indivíduos (alma/mente – corpo), na filosofia da ciência nos confrontamos com a o terceiro excluído nestes dualismos com consequências existenciais: trata-se da técnica ou, para utilizarmos um termo mais preciso, das tecnologias. Neste sentido, a máquina é um corpo, não do tipo que nasce naturalmente: as máquinas nascem de um parto artificial, emergem a partir do trabalho de múltiplas mãos, como na construção de uma casa ou na plantação de tomates; embora, depois da mecanização do campo com as promessas de

abundância da produção sem limites própria da Revolução verde, esteja cada vez mais difícil identificar com quantas mãos se faz uma plantação...

De acordo com o relato de Vandana Shiva (1993, p. 105):

Os programas de ‘desenvolvimento’ agrícola transformam-se, frequentemente, em programas para as gerações famintas, uma vez que os terrenos férteis são convertidos em sementeiras para exportação, os pequenos camponeses são deslocados e a diversidade biológica, que satisfaz muitas necessidades alimentares dos pobres, é eliminada e substituída por monoculturas de sementeiras de rendimento, ou por sistemas de utilização da terra inadequadas à ecologia e à satisfação das necessidades alimentares.

Filosoficamente, o lugar social das tecnociências pode ser colocado como um problema abordado de diferentes perspectivas. Por um lado, as sociedades altamente mecanizadas em que vivemos dificilmente abririam mão, no todo ou em parte, do conforto ocasionado pelas técnicas, pois a enxada que caleja as mãos consome também parte da energia vital daquele que a manuseia. Por outro lado, é desse desgaste do corpo consumido pelo trabalho físico que resulta também a satisfação do alimento vivificante e do sono reparador, gozados, não por opulência, mas pelo mérito de quem mobilizou o esforço na busca de uma satisfação provisória e limitada aos investimentos e às habilidades constantemente colocados à prova pela inconstância das condições dos meios natural e social.

Assim, nem sempre as técnicas nos colocam fora da zona de conforto em busca de solução de problemas decorrentes de nossas vulnerabilidades, sejam estas individuais, coletivas ou sociais, como na investigação da cura ou prevenção de doenças negligenciadas, como a doença de Chagas, ou na busca de solução das mazelas decorrentes da impossibilidade de satisfazer as necessidades físicas, emocionais e mentais dos seres humanos existentes, fazendo emergir a questão de soberania alimentar, uma vez que a FAO identifica a necessidade priorizar a agricultura familiar (cf. LACEY, 2022, p. 272 - 274).

Na verdade, a própria ideia de uma produção sem limites esbarra na mutação climática, que, por sua vez, recria a questão de que a relação da técnica com o trabalho não se resolve simplesmente com mais mecanização, pois aquilo que liberta

num primeiro momento pode limitar o desenvolvimento no momento seguinte. Durante a recente emergência pandêmica relativa ao Covid-19, escreveu Bruno Latour que: “‘Assegurar a continuidade’ da vida mais comum, por meio de uma ação tão simples quanto a de se alimentar, exige o apoio de muitos agentes” (2021, p. 48).

Eis o paradoxo: o trabalho humano foi invisibilizado de tanto que os corpos individuais foram isolados e hibridizados e, em parte, isto se deve aos múltiplos acoplamentos com a(s) máquina(s). Deste modo, ambos, o trabalhador e a máquina, se tornam peças ou órgãos a serviço do sistema do qual fazem parte. O robô, com feições cada vez mais humanas, permite a identificação com a outra – a máquina –, que causaria estranheza por ser *muito* diferente de si. Na forma ou configuração exterior do corpo, o muito *semelhante* ao humano passa a ser reconhecido como humano. Diante destas aproximações claudicantes, haveria a possibilidade de emancipação? Para a máquina, nenhuma; para os organismos a elas acoplados, talvez.

O trabalho humano pode ser compreendido utilizando três perspectivas possíveis: 1) a do ser humano na busca pelo atendimento de suas necessidades; 2) a do ser humano em relação ao outro humano, considerando a possibilidade de disputa por bens escassos; e, finalmente, 3) a da relação dos seres humanos com a natureza. No entanto, tal como compreendida pelo capital e mercado, a natureza é reduzida ao sentido de matéria-prima, tornando a matéria imobilizada, silenciada, em uma palavra: morta (cf. MERCHANT, 1983).

Desta feita, nada parece ter muito sentido: a matéria e os corpos encontram-se imobilizados pelos sistemas técnicos que os cercam, cerceando não apenas a liberdade de movimento dos viventes, como também o crescimento e a recuperação dos ambientes exauridos pela fome insaciável das estruturas produtivas e reprodutivas da vida. Silvia Federici, no entanto, considera que mesmo a proposta marxista para a emancipação do trabalhador não mobiliza uma categoria relevante, qual seja, a de “gênero”, e, por isso, assevera que o livro I de *O capital* não abordou suficientemente a questão do trabalho doméstico e nem da reprodução da mão de obra, supondo que, com o desenvolvimento industrial, haveria um aumento do

trabalho feminino (cf. FEDERICI, 2021 [2020], p. 63). Assim, os viventes, mesmo quando acoplados ao maquinário industrial, operam como organismos, o que implica que os sistemas técnicos foram plenamente integrados ao modo de vida e de subsistência das sociedades contemporâneas, formando sistemas amplos de organização sócio-ecológica (cf. WALLACE, 2020, p. 68).

Quando o olhar se volta ao passado, torna-se uma busca pelo paraíso perdido, pelo momento em que fomos gestados: nós, os seres humanos, no útero da natureza. A questão é que esta geração nunca se completa e o nosso parto natural no mundo é um ganho de autonomia sempre relativo, pois se mantém dependente das estruturas naturais e sociais; ou seja, os laços umbilicais com a terra permanecem, jamais são desfeitos e nem poderiam sê-lo. Diante do reconhecimento de nossa origem, o olhar para o futuro se torna triste e melancólico, haja vista a perspectiva da catástrofe iminente, que nos faz temer pela nossa saúde, pelo bem-estar dos seres humanos e não humanos sensíveis à dor e ao sofrimento.

Neste sentido, a total submissão do organismo à máquina, como no corpo ciborgue, cujo pressuposto é o da obsolescência do corpo orgânico, não é senão a completa entrega do humano ao metal frio da máquina, cujas partes são construídas com a matéria-prima extraída da terra pelas máquinas, quando a empresa mineradora se instala, ou diretamente pelos seres humanos, poluindo rios, cuja água será consumida pelos viventes.

Disto extrair-se um aspecto potencialmente positivo de a singularidade tecnológica ainda não ter sido plenamente atingida: imaginamos a decepção dos robôs que adquiram a consciência de que são instrumentos das escolhas humanas, muitas delas irresponsáveis em relação às futuras gerações, que tais escolhas desejam a autofagia (cf. JAPPE, 2021[2017]); sem que os seres humanos tenham completa consciência do alto preço que pagam pelo acoplamento ao sistema capitalista devorador de mundos. Pois, segundo Anselm Jappe: “Há algum tempo, predomina a impressão de que a sociedade capitalista está sendo arrastada para uma deriva

suicida que ninguém conscientemente deseja, mas para a qual todos contribuem” (2021 [2017], p. 16).

Os problemas são complexos e implicam em riscos amplos demais para serem esclarecidos neste texto de apresentação. De certo, o que desejamos enquanto professores dedicados à preparação do terreno para a próxima geração é a continuidade da pesquisa, que se realizou de modo intenso nesta edição *Tecnociência 2: entre organismos e máquinas*. Desde logo, propomos a continuidade da parceria com o Cadernos PET-Filosofia da UFPR em 2024, de maneira que o NECTEC – *Núcleo de Estudos da Cultura Técnica e Científica* não poupará esforços para fomentar os estudos sobre a interação entre ciência, tecnologia e sociedade. Cada número de revista finalizado é como uma semente lançada na terra, pois não sabemos ao certo quantas delas resistirão e florescerão diante das intempéries do meio. Lançamos cada número nossas frágeis esperanças de que o futuro semeado seja mais organicamente integrado ao ambiente, cuja matéria se torne, ao invés de inerte, viva e pulsante, como *petianos* e *petianas* se mostraram nestes anos de convivência, estudo e pesquisa.

REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia (2020). **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

JAPPE, Anselm (2017). **A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição**. Tradução Júlio Henriques. São Paulo: Elefante, 2021.

LACEY, Hugh. **Valores e atividades científicas 3**. São Paulo: Scientiae Studia, 2023.

MERCHANT, Carolyn. **The death of nature: women, ecology, and the scientific revolution**. New York: Harper Collins, 1980.

MIES, Maria & SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

WALLACE, Rob. **Pandemia e Agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. Tradução Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

* * *

Agradecimentos aos estudantes do curso de Licenciatura em Filosofia da UFPR que contribuíram mais diretamente para a realização da Tecnociência 2: Mariana Neves e Gabriel Parolim, bem como ao Elan Sikora. Vocês iluminaram o caminho, quando o cansaço que também abalou Sísifo tentou tirar o sorriso dos nossos rostos.

* * *